

FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO: RELATO DE UM MINICURSO

Fernanda de Lima Pinheiro ¹

Carla Rosangela Bairros Alves ²

Maria Eduarda Castelhana de Campos ³

Renato Padilha Santana ⁴

Brasília Castelhana Soares ⁵

Fabiane Ferreira da Silva ⁶

Resumo:

A inclusão de alunos cegos é bastante complicada em um sistema educacional que, na prática, ignora alunos com qualquer deficiência. Para melhorar o ensino e aprendizagem desses alunos, criamos materiais didáticos palpáveis e adaptados com apoio do PIBID Ciências da Natureza. Com o sucesso na aplicação de tal material, surgiu a oportunidade de realizar um minicurso para alunos de Ciências da Natureza da UNIPAMPA campus Uruguaiana. A procura pelo curso foi tão grande que tivemos que abrir novas vagas e o feedback foi bastante positivo. Concluímos então que os licenciandos estão sentindo falta deste tipo de capacitação em seus cursos e que muitas vezes um gesto simples como modelar uma massa de biscoito pode fazer toda a diferença na vida de um aluno de inclusão.

Palavras-chave: Inclusão; PIBID; Formação de professores; Deficiência visual; Materiais adaptados.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO: RELATO DE UM MINICURSO

¹ Aluno de graduação. abbatuamente@gmail.com. Autor principal

² Outro. carlabairrosalves@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. dudacastelhana123@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de graduação. rpadilhasantana@gmail.com. Co-autor

⁵ Outro. ax.castelhana.s@gmail.com. Co-autor

⁶ Docente. fabianeunipampa@gmail.com. Orientador



FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO: RELATO DE UM MINICURSO

1. INTRODUÇÃO

Ao nos depararmos com a realidade de uma escola, descobrimos vários pontos para os quais não fomos preparados para vivenciar. Um deles, essencial para nossa constituição como bolsistas de PIBID¹ e futuramente como profissionais da educação, foi a convivência com alunos, especialmente com alunos geralmente esquecidos pelo sistema: os alunos com deficiência visual.

Nas Políticas Públicas para a Educação Especial existe o decreto de nº 7.611 de 17 de novembro de 2011 (BRASIL, 2011), o qual se refere a educação especial, atendimento educacional especializado e outras providências. No Artigo 1º do mesmo, pode ser constatado que é dever do Estado, oferecer acesso gratuito e inclusivo para alunos com qualquer tipo de deficiência à escola de ensino regular. Esse decreto possibilita, ao menos no papel, acesso ao ensino regular sem que haja discriminações e distinção, assegurando o princípio de igualdade conforme a Constituição Federal Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988).

Na prática, essa inclusão não existia. Segundo Santos e Manga (2009, p. 17), não existe uma "implantação normatizada de recursos táteis para a apreensão do conhecimento, como maquetes e modelos tridimensionais", o que dificulta a confecção de tais materiais de forma menos abstrata. O grupo adotou primeiramente, como alternativa, materiais como a massa de modelar, porém precisava-se de materiais com maior durabilidade para que as produções se tornassem métodos a serem utilizados por todos os alunos com deficiência visual que ainda viriam a estudar na escola, construindo assim um acervo de materiais didático-pedagógicos na escola.

Na esperança de incluir esses alunos, sem excluir o restante da turma, criamos materiais adaptados com massa de biscoito como uma forma de fazê-los enxergar da sua própria maneira: tocando. Em pouco tempo, tais recursos melhoraram significativamente o ensino e aprendizado de todos alunos envolvidos, tornando-se uma atividade constante e cada vez mais chamando atenção de outros professores, alunos e gestão da escola.

Logo, fomos convidados a expandir esse projeto e assim passamos a realizar oficinas e minicursos para ensinar professores e futuros professores, como na Semana Acadêmica do curso de Ciências da Natureza, campus Uruguaiana, de 2017, a qual o subgrupo foi convidado a ministrar um minicurso sobre a técnica da construção dos materiais didáticos. Esse trabalho é um relato e também uma reflexão deste projeto tão importante para a nossa formação e tem como objetivo mostrar a importância de trabalhar um assunto tão recorrente, mas ao mesmo tempo tão ignorado pelos cursos de graduação.

¹ Este trabalho é um relato dos trabalhos realizados pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) (o qual recebe apoio material e financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES) da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) campus Uruguaiana, no subprojeto de Ciências da Natureza através do subgrupo de Biologia, que está inserido na Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Cândido Rondon desde 2014.

2. METODOLOGIA

Os sujeitos do minicurso foram alunos de Ciências da Natureza. Inicialmente foram disponibilizadas 30 vagas, porém haviam muitos alunos na porta pedindo para entrar, então não sabemos ao certo quantos participaram.

Os recursos utilizados para a confecção do material foram:

- Tinta para tecido de diversas cores;
- Massa para biscuit pronta;
- Pincéis;
- Potes com água para limpar os pincéis;
- Bandejas de isopor para misturar as tintas;
- Barbante;
- Tesoura;
- Vendas para os olhos (confeccionadas pelo grupo com E.V.A. e T.N.T.);
- Verniz;
- Palito.

Os participantes foram separados em grupos grandes, com mesas arrumadas e forradas. No primeiro momento, tiveram os olhos vendados com o intuito de despertar a empatia dos participantes, para que conseguissem compreender melhor a realidade dos alunos com deficiência visual. A ideia neste ponto era visualizar como se dá a aprendizagem destes alunos cegos inseridos em uma sala de aula de ensino regular, sem nenhum recurso didático, que não seja os de uso tradicional, como quadro negro e giz.

De olhos vendados, os participantes receberam explicação de conteúdos já trabalhados pelo subgrupo (como o ciclo de germinação do milho e do feijão). Ao retirarmos as vendas dos participantes, os mesmos puderam visualizar imagens do conteúdo explicado. Cada participante deveria escolher uma etapa de um dos ciclos para representar.

A massa de biscuit foi distribuída para os grupos, juntamente com as tintas, os pincéis, os palitos e os barbantes.

Os participantes tingiram a massa nas cores sugeridas nas imagens. Amassando bem para que a tinta misturasse e secasse. Depois de seca, não há mais risco de manchas, e os participantes lavaram as mãos para que conseguissem trabalhar melhor na confecção. Depois de terminada a confecção, o verniz foi passado nos materiais.

Após os agradecimentos do subgrupo pela participação, empenho e procura pelo minicurso. Foi realizado um momento de reflexão, onde os participantes escreveram em um cartaz o que o minicurso significou para eles.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

O minicurso teve, em sua maioria, inscritos do curso de Ciências da Natureza – Licenciatura. Ofertadas inicialmente 30 vagas, porém, devido à grande procura no dia e, a pedido da organização da SEMALI, foram abertas mais algumas vagas. O mesmo foi bastante valioso para todos os presentes. Quando vendamos os participantes, eles se pareceram confusos ao ouvir a explicação sem os materiais didáticos. Nesse momento eles acabaram se dispersando e quando questionados sobre o conteúdo não sabiam dizer muito bem o que havia sido explicado.

Após, com a ajuda dos materiais didáticos a explicação ficou mais clara e melhor de compreender. Os participantes ficaram mais empolgados e conversavam entre si sobre as texturas e sensações que vivenciaram ao tocar os objetos adaptados.



Figura 1. Participantes do minicurso apalpando os materiais didáticos (Fonte: subgrupo).

Após esse momento, chamamos um aluno cego do curso de Ciências da Natureza, o Renato, que foi nosso aluno na escola Rondon, o qual nos inspirou e utilizou os materiais adaptados nas aulas de Biologia. Hoje ele também é bolsista PIBID no nosso subgrupo, trazendo ainda mais significado para nossas práticas inclusivas.

Expandi minhas capacidades táteis, adquirindo um maior conhecimento sobre a disciplina, assimilando as explicações rapidamente junto a meus colegas, podendo acompanhá-los nas tarefas e atividades práticas, nas quais, o emprego de materiais lúdicos representados através do biscuit, foi meu maior aliado nesse período. São experiências desta amplitude, que estimulam a procura de meios alternativos para se alcançar o sucesso, pois para um aluno deficiente visual, a capacidade de analisar um mundo supervalorizado pela visão, revela-se infinitamente intensa. No qual é necessário a participação de protagonistas, atuando como alavancas impulsionando a inovação rumo ao futuro. Neste ponto, minhas concepções afirmam que fui o agente mediador desse projeto, beneficiando não só a mim, mas há todos envolvidos (Relato escrito do bolsista ID Renato).

Ao final do minicurso, pedimos que os participantes colocassem suas opiniões em um cartaz. Como pode ser visto na figura 2, o feedback foi bastante positivo e satisfatório para nosso subgrupo. Frases como “Experiência que levarei para toda minha carreira”; “Muito importante para a inclusão de alunos com deficiência”; “Excelente, deveria ser realizado para professores que já estão em sala de aula”; “Parabéns pelo trabalho. Obrigado por compartilhar conosco”; “Melhor curso do qual participei”; entre outras.

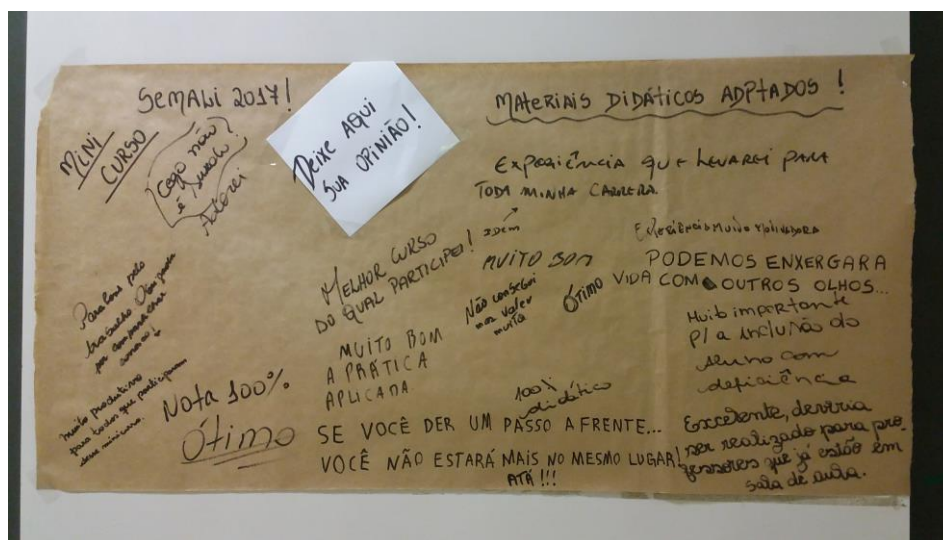


Figura 2. Opinião dos participantes da minicurso (Fonte: subgrupo).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É esperado que a partir desta metodologia seja levada a discussão sobre a construção de materiais didáticos adaptados para dentro dos cursos de licenciatura. É importante que o assunto seja trabalhado desde a formação inicial de professores, com o objetivo de que os professores consigam desenvolver estes materiais em uma sala de aula diversificada e heterogênea e que os mesmos estejam preparados para vivenciar situações como as que foram encontradas pelo subgrupo do PIBID na escola.

É de extrema importância que se trabalhe a empatia, juntamente com o desenvolvimento da didática na formação de professores, para que haja real inclusão de alunos com deficiência, bem como a ocorrência de uma aprendizagem significativa.

Também é necessário aprender a diversificar os métodos em sala de aula, fugindo do ensino tradicional, como slides e vídeos, meios estes, que não atingem todos os alunos na escola. O minicurso conseguiu sensibilizar os alunos presentes e mostrar o efeito positivo que essa prática tem na vida de alunos cegos e demais alunos. Outro ponto que vale ressaltar, é o fato de que a alta procura pelo minicurso, evidenciou a falta que essa preparação faz durante a graduação. É necessário criar novas maneiras de incluir e levar não apenas como um minicurso, mas também como um componente curricular fixo e completo, talvez assim a inclusão seja mais valorizada no nosso país.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Legislativo nº 7.611, de 17 de novembro de 2011.** Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm > Acesso em: jun. 2014.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf > Acesso em: jun. 2014.

SANTOS, C. R.; MANGA, V. P. B. B. Deficiência Visual e ensino de Biologia: Pressupostos inclusivos. **Revista FACEVV**, n. 3, p. 13-22. jul./dez. 2009. Disponível em:<<http://facevv.cnec.br/wp-content/uploads/sites/52/2015/10/DEFICI%C3%8ANCIA-VISUAL-E-ENSINO-DE-BIOLOGIA-PRESSUPOSTOS-INCLUSIVOS.pdf>>. Acesso em: set. 2017.